Homenagem do Instituto do Ceará a Hugo Victor

Transcorreu, em 17 de novembro de 1998, o centenário de nascimento de Hugo Victor Guimarães e Silva, figura de realce das letras históricas e sócio titular do Instituto do Ceará.

A Casa do Barão, em sessão do dia 20 do mês já referido, rendeu preito de saudade à memória do ilustrado consócio, cabendo à professora Valdelice Carneiro Girão traçar o perfil do homenageado. Seguiram-se-lhe com a palavra os companheiros J. C. Alencar Araripe, Geraldo da Silva Nobre, Vinícius Barros Leal e Liberal de Castro.

Hugo Victor Guimarães e Silva

VALDELICE CARNEIRO GIRÃO (*)

O Instituto do Ceará, neste ano, exatamente no mês de novembro, comemora o centenário de nascimento de seu Sócio Efetivo, Hugo Victor Guimarães e Silva. Figura do maior conceito intelectual sobre assuntos relacionados com a história, a literatura, o direito, e o jornalismo, de modo especial. Apresentou-se sempre como grande pesquisador.

Filho de José Guimarães e de Maria Efigênia da Costa e Silva Guimarães, nasceu, Hugo Victor, na cidade de Floriano, no Estado do Piauí, a 17 de novembro de 1898.

Com os estudos iniciais, em sua terra natal na Escola da Professora Júlia Aleluia da Costa e nos colégios dos Doutores Agnélio Franklin da Costa e Fenelon Castelo Branco e ainda no Instituto 21 de abril, em Teresina, deixou sua terra natal em demanda à Fortaleza, onde fixou residência. Impregnado de idealismo e força de vontade; trabalhando durante o dia e estudando à noite, concluiu o

(*) Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

curso preparatório, no Liceu do Ceará, ingressando, a seguir, na Faculdade de Direito, bacharelando-se a 3 de dezembro de 1932.

Impõe-se Hugo Victor, gradativamente, diante de nossa sociedade, granjeando a admiração e o respeito dos seus contemporâneos e a consagração duradoura da posteridade.

Por ato de 22 de junho de 1935, no governo do Dr. Francisco de Menezes Pimentel, foi nomeado delegado auxiliar do Estado, cargo a que renunciou por ter sido chamado às suas funções nos Correios e Telégrafos, em 1938, em cujo exercício, segundo ele próprio, "desempenhou árduas comissões em Cariús, Independência, Brejo Santo, Santana, Crato, Itapipoca, Baturité e Redenção."[1]

Em toda sua dinâmica trajetória, o jornalismo foi sempre a sua atividade preferencial, para a qual se sentia verdadeiramente vocacionado. Quando ainda estudante, colaborou no **O Popular**, o primeiro jornal da cidade de Floriano, em 1921. Foi redator do periódico **O Argus** de Teresina-Piauí; e também fundador e redator-chefe de **A Semana**, de Iguatu, de 1923-1927. Em 1932, foi igualmente responsável pela redação do Jornal **Cultura Acadêmica**; órgão da Ação Universitária Católica de Fortaleza, da Faculdade de Direito do Ceará. Secretariou, por algum tempo, o jornal **O Estado**, figurando ainda no corpo editorial do **O Nordeste, Correio do Ceará** e **Gazeta de Notícia**, colaborando ativamente em outros órgãos jornalísticos da época, tais como **o Unitário** e **o Diário do Povo**. No jornal **O Povo**, escreveu muitos artigos, na sua maior parte, ligados à historiografia cearense. Vejamos: "Uma carta histórica de Pereira Filgueira"; "A vaidade do Barão de Sobral"; "O primeiro documento publicado de João Brígido"; "O bom humor de Caio Prado"; "Generosidade de Tristão"; "Governador sui generis"; "A espada do Brigadeiro"; "Episódio de 83"; "Uma carta de Rodrigues Júnior"; "Napoleão e o Ceará"; "República de Caucaia"; "O primeiro libertador cearense"; "O custo de uma eleição"; "A revolta de João Cândido", entre outros.

Na opinião do Prof. Dolor Barreira, Hugo Victor, aproveitando-se do periódico em que colaborava, fazia a pura arte literária.

[1] GUIMARÃES, Hugo Victor. **Chefes de Polícia do Ceará**. Fortaleza: Tip. Minerva, 1943.

Assinava, algumas vezes, seus artigos com os pseudônimos: Henrique da Veiga; Senio Senior e G. Silva, ou com as simples letras H.G. e M.

Sua contribuição historiográfica em livros, folhetos e monografias é significativa, destacando-se os seguintes:

- O Município e a Cidade de Iguatu (Monografia). Iguatu, Tipografia Crisálida, 1925.
- Da questão social, Fortaleza, 1928.
- Campanha contra o Comunismo, Fortaleza, 1929.
- Tentativa Perfeita de Homicídio (estudo de Direito), São Paulo, 1937.
- Sacerdote da lei e do altar no 1º centenário do Padre Dr. Sabóia de Sá Leitão. Fortaleza, 1942.
- Notas à Nobiliarquia (cinco titulares de nacionalidade estrangeira falecidos no Ceará), Fortaleza, 1943.
- Chefes de Polícia do Ceará. Fortaleza, Tip. Minerva, 1943.
- Um benemérito (perfil sócio-político do Cel. José Júlio de Andrade). Fortaleza, 1941.
- Troncos estrangeiros de família cearense. Família Elery. Fortaleza, Ed. Fortaleza, 1944.
- Logadouros de Fortaleza e suas denominações (em síntese histórica de Fortaleza). Fortaleza. Monitor Comercial, 1944.
- O Liceu do Ceará, em cem anos. Fortaleza. Tip. Iracema, 1945.
- Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará. Assembléia Legislativa 1835-1947. Fortaleza. Ed. Jurídica Ltda., 1947.

Hugo Victor deixou alguns trabalhos inéditos como: "Figuras e Episódios cearenses"; "Dicionário de Óbitos (pessoas distintas que faleceram no Ceará e não eram cearenses)"; "Respigando os Arquivos (Extravagâncias e Curiosidades)"; "Floriano do meu tempo (reminiscências)" e outros.

Segundo o autor de História da Literatura Cearense, a veia poética de Hugo Victor aparece escrevendo **Átomo Obscuro**, em 1917; **Contrição e Mimi** vieram depois e dão, segundo Dolor Barreira, a justa medida da sua sensibilidade e da forma, correta e

equilibrada, em que ele se externa. Merecendo transcrição o soneto **Contrição**, que é impregnado de uma suave religiosidade.

"Eis-me, Senhora, aos vossos pés, cativo.
Prosternado, a chorar os meus pecados,
O "homem velho" que fui soberbo, altivo,
Com amores e paixões desordenadas.
A um simples olhar vosso, compassivo,
(olhar que é luz, e inflama os desgraçados),
Tornou-se humilde, e ei-lo redivivo
Para vós, com os sentidos ordenados.
Que eu possa agora, Santa Mãe, contrito,
Encarar, face a face, o mundo estulto,
Em cujas negras plagas foi proscrito.
Creio em vós, e essa crença é segurança.
Que me leva, no ardor do vosso culto,
às delícias da Bem-aventurança.[2]

Em 1938, escreveu uma coletânea de sonetos intitulada **Poetas do Ceará**, em que presta homenagem aos poetas cearenses da década de trinta, onde se encontram Antônio Sales, José Albano, Mário Linhares, Juvenal Galeno, Figueira Lima, para citar os mais conhecidos; assim como, o Presidente de Honra do Instituto, Antônio Martins Filho, que aparece com o soneto bissexto a **Estrada Suave**. O livro é reeditado em 1998, pela Coleção Alagadiço Novo, com o título Sonetos Cearenses.

É também Dolor Barreira quem documenta: "Cultivando as literaturas dramáticas", para a qual parece ter acentuados pendores, escreveu ainda Hugo Victor diversos trabalhos de teatro, como sejam: "A Justiça de Deus", "Pela Pátria e pela família", "A Dama Negra", "Lampeão é osso..."; "Coração de mulher ou **Pela Pátria e pelo amor** – drama em três atos, cujas cenas se passam no Rio de Janeiro, no fim do Segundo Império..."[3]

Nosso homenageado foi um dos fundadores da Sociedade de Geografia e História, instalada em 5 de agosto de 1935, nela ocupando a cadeira de número 8, que tinha como Patrono Paulino Nogueira.

[2] BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, 1962.

[3] Idem.

Apesar de suas participações ativas na sociedade, ocupando cargos como diretor da Revista e Membro da Comissão de Organização do Estatuto, dela logo se desligou.

Para o quadro do Instituto do Ceará, foi escolhido como Sócio Efetivo, em eleição realizada em 5 de março de 1936, tomando posse em 14 de abril do mesmo ano, passando a ocupar a cadeira de nº 11, que primeiramente pertenceu ao Sócio Fundador, Dr. Virgílio Brígido, substituído depois pelo Dr. José Lino da Justa, este último elevado à classe de Sócio Honorário.

Tudo faz acreditar que Hugo Victor foi incansável animador da vida da Instituição, uma vez que, em 1937, já fora eleito para a Comissão de História, e, em 1939, fizera parte da Comissão de Redação da Revista, na eleição da diretoria de 1940, além de renovada dita participação, elegeu-se 1º Secretário.

Na Revista da Casa do Barão, Hugo Victor publicou, no tomo 50, "**A defesa Marítima de Fortaleza na Revolução do Equador**", transcrevendo quatro documentos, encontrados no Arquivo Público do Estado, sob o título "Comandante das Armas da Província", referentes aos anos de 1824-1827; no tomo LI, publicou o discurso pronunciado na sessão de 3 de março, por ocasião do Congresso Regional de História e Geografia, realizado no cinqüentenário do Instituto do Ceará, data reservada à inauguração da Galeria dos seus sócios fundadores e do benemérito.

Em seu discurso, pôs em destaque os ex-presidentes Paulino Nogueira, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e o Barão de Studart, também, de então, o Major Roberto Carneiro de Mendonça, lembrando que era, em 50 anos de existência, o único benemérito do Instituto. E acrescenta: "Enquanto houver um cearense justo, o nome do Major Roberto Carneiro de Mendonça será pronunciado sem reticências. Esse retrato é o complemento do título-único que lhe outorgou, reconhecido, o Instituto do Ceará[4].

Escreveu ainda na Revista: **Miguel Ferreira de Melo**, tomo LXVIII; **No dia da Pátria**, palestra proferida no Rotary Clube de

[4] SILVA, Hugo Victor Guimarães e. **A Defesa Marítima de Fortaleza, na Revolução do Equador**. Revista do Instituto do Ceará, t. L, 39-44.

Fortaleza, em 7 de setembro de 1939, e o **Simples Nome do Barão**, no tomo Especial de 1938.

O Dr. Dolor Barreira, contemporâneo de Hugo Victor no Instituto do Ceará, deixou documentado que o mesmo, até o último momento de sua vida, sempre demonstrou grande amor à Instituição, mas dele se afastou por motivos ainda hoje ignorados.

Pertenceu também, nosso homenageado, ao quadro dos sócios correspondentes do Instituto Geográfico e Histórico do Piauí; da Sociedade de Geografia de Cuba; do Instituto Genealógico de São Paulo; da Associação Cearense de Imprensa; da Ordem dos Advogados (secção do Ceará).

Conferiu-lhe, o Presidente da República, na qualidade de Grão-Mestre das Ordens Brasileiras, a Medalha de Prata Comemorativa ao Cinqüentenário da Proclamação da República (dec. Lei nº 1972 de 19 de janeiro de 1940).

Hugo Victor era casado com D. Maria Carmelita Gondim Guimarães, pai do Oficial do Exército, Luís Gondim Armando Guimarães, e da Senhora Dália Maria Guimarães Hochalmamm, esposa do Sr. Henrique Hochalmamm.

Figura singular, personalidade marcante, caracterizado por algumas excentricidades.

No seu falecimento, ocorrido em 16 de novembro de 1950, um dia antes de completar 52 anos, o jornal **O Nordeste** escreveu:

"A imprensa alencarina vem de perder uma das suas mais brilhantes penas. Finou-se ontem, cerca das 17,30 horas, o jornalista e escritor Hugo Victor Guimarães, redator do nosso confrade "O Povo" e autor de diversas e acatadas obras.

O desaparecimento de Hugo Victor veio desfalcar de um dos confrades mais ilustrados. Historiador abalizado do nosso passado, teatrólogo e amante das belas letras. Hugo Victor era, sem favor, um intelectual de renome aqui e alhures."[5]

Hugo Victor foi um lutador emérito. Pobre, mas consciente de seu valor intelectual e moral.

[5] O Nordeste, 17 de novembro de 1950.

Seu passado honra a imprensa e as instituições culturais alencarinas a que pertenceu.

Prestando culto à memória de Hugo Victor, o Instituto do Ceará faz justiça e interpreta a manifestação de carinho do povo cearense ao seu filho adotivo.

Lembranças de um homem Sisudo

J. C. Alencar Araripe (*)

O Instituto do Ceará reverenciou, em 20 deste mês, a memória de Hugo Victor Guimarães, sócio efetivo da entidade, e cujo centenário de nascimento transcorreu no dia 17.

Hugo Victor compunha o privilegiado grupo que se formou no Telégrafo em época recuada. Integravam-no jovens concursados. Dele faziam parte, entre outros, Raimundo Girão e Demócrito Rocha. Este, envolvendo-se em atividades políticas, durante a Campanha Civilista, foi transferido de Fortaleza, o que não se efetivou por interferência de amigos, que eram muitos, e que mobilizaram o prestigioso patrocínio do Arcebispo, Dom Manuel da Silva Gomes.

Conheci Hugo Victor quando repórter de "O Estado". Ele era um dos redatores com responsabilidade de fechar o jornal em dois dias da semana. Nessas ocasiões, a terceira página apresentava um aspecto diferente pela número de sueltos que estampava.

Convivia com chefes que se diferençavam bastante. Alfeu Aboim, diretor também da Imprensa Oficial, desenvolvia muita atividade e fumava constantemente. Hugo Victor não era pessoa que atraísse simpatias. Fisionomia fechada, charuto indefectível, não insinuava conversa. O contrário de Walter de Sá Cavalcante, acolhedor, riso fraco, palavra fácil. Teria sido governador do Estado se a morte não o surpreendesse em meio ao mandato de deputado

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

federal. Chegara à Câmara com votação expressiva, enquanto Raul Barbosa disputara a confirmação da eleição em pleito suplementar, em Viçosa, e do qual participara também o meu irmão Antônio de Alencar Araripe, em legendas diferentes.

Hugo Victor amava o jornalismo. Múltiplas atividades desenvolveu no mundo da inteligência, com tenacidade raramente observada. Advogado, poeta, escritor, historiógrafo, deixou aos pósteros o testemunho de marcante atuação nesses setores de sua floração intelectual. Mas o advogado, o poeta, o escritor, o historiógrafo jamais suplantaram o jornalista, que ele sempre soube ser, em todas as ocasiões, no exercício de qualquer função, mesmo quando o seu precário estado de saúde reclamava absoluto alheamento às duras lides da imprensa.

Homem afeito a jornal, não alimentava predileções por essa ou aquela tarefa. Fazia um artigo, uma reportagem ou uma entrevista da mesma maneira que uma nota policial. Era-lhe indiferente a missão a cumprir, desde que o assunto a abordar encerrasse interesse jornalístico, constituísse motivo de atração para a legião de leitores do periódico a que servia.

Hugo Victor não tinha complexos. Espírito superior, pouco lhe importava se o serviço que realizava estivesse aquém das suas incomparáveis possibilidades. No "O Povo", onde não foi o sueltista do "O Estado", não conto as vezes em que trouxe para a redação, sem que isso lhe fosse solicitado, apontamentos colhidos na Assistência ou dados fornecidos em alguma Delegacia da capital. Esforçava-se para aumentar e melhorar o noticiário. Era, nesse particular, muito semelhante a Paula Nei, o incansável repórter cearense que brilhou na Capital da República e que entendia, como relembra o escritor Ciro Vieira da Cunha, que o povo, ao ler um diário, o que de preferência deseja encontrar é o fato e não o comentário.

Quando se atufava entre documentos antigos, o que levava a esse trabalho estafante não era apenas a vontade de descobrir para si, no "baú velho" do passado, os aspectos curiosos de uma ocorrência que lhe chamara a atenção. Era o pesquisador histórico no afã de ajudar o jornalista, sempre preocupado em levar aos seus leitores, através de minuciosas reportagens, as facetas interessantes e inéditas de um acontecimento remoto.

Amigo do pormenor, por menos expressivo que esse, a nós outros, pudesse parecer, Hugo Victor nada olvidava em matéria de informações. E tão acentuada era essa característica de sua personalidade jornalística, que um colega de "**O Povo**" observou, ao redator encarregado da notícia sobre o seu falecimento, que fosse completo o mais que possível, no que ia escrever. Hugo – acentuou – era amigo das minúcias.

Reencontro-o, vez por outra, ao consultar "Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará", valioso acervo de informações biográficas, ou ao deparar-me com "Sonetos Cearenses", coletânea que reúne representativos nomes da poesia, com preciosas notas e referências.

Foi este jornalista, de tantos e tão naturais afeições pela profissão, tão identificado com o afanoso labor da imprensa, que a morte nos roubou, por uma dessas chocantes e cruéis coincidências do destino, exatamente na véspera do seu aniversário natalício, quando completaria 52 anos de idade.